



Fotos gentilmente cedidas por CAET.

O ensaio do “bandão” da Escola Portátil de Música.

É certo que o choro de um recém-nascido representa um bom sinal de saúde, pois indica que os seus pulmões estão sendo expandidos para fazer a oxigenação do seu corpo inteiro. Mas o choro ao qual vou me referir, apesar de também ser um sinal de saúde, é outro, ou seja, o gênero de música popular urbana que parece ter renascido com todo o gás para “encher a bola” da cena cultural carioca.* E, com certeza, uma das entidades responsáveis pela efervescência desse gênero musical na cidade é a Escola Portátil de Música (EPM), um projeto de educação musical através da linguagem do choro.

Quantidade x Qualidade

Só de ver a quantidade de alunos que freqüentam a EPM percebemos a vitalidade do projeto. Todos os sábados, a partir das 9 horas, mais de 500 alunos de faixas etárias variadas batem ponto na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio) - Av. Pasteur 458, Urca - para fazer os seus instrumentos “chorarem” com a nata do choro (entre outros, Maurício Carrilho, Luciana Rabello, Celsinho Silva, Cristóvão Bastos, Pedro Amorim) em várias oficinas musicais: aulas de instrumentos, percepção musical, história do choro, canto, harmonia, composição, prática de banda, etc.

Se para certas pessoas, no entanto, falar de quantidade não convence, então vale observar a qualidade. E aí a gente “tira o chapéu” para a EPM. O nível dos alunos é bem elevado, e vários deles já tocam profissionalmente. Quem quiser comprovar basta ir aos sábados à Unirio, às 12 horas, para assistir à aula de prática de banda, o já famoso “bandão” (a EPM entrará de férias em dezembro, voltando em março de 2007).

É um espetáculo à parte: depois das aulas específicas, todos os alunos se reúnem ao ar livre para formar, como já se disse por aí, a maior roda de choro do mundo...

Consciência

A cultura do choro tem vários aspectos saudáveis. Um deles é a convivência em grupo. Como revela Pedro Aragão, um dos coordenadores e professor da EPM, “o choro é uma forma de confraternização”. Por ser uma música polifônica (várias melodias ou vozes “conversando” em harmonia), é preciso aprender em conjunto, escutar atentamente os outros, respeitar os mais experientes, compartilhar informações, dividir o espaço e, enfim, saber cuidar do grupo para fazer a música aparecer.

Essa consciência também surgiu do fato de que há alguns anos era muito difícil estudar choro, pois não havia uma escola específica e o material publicado era muito escasso, principalmente porque o gênero parece ter sido taxado durante um bom tempo pela indústria cultural como “antiquado” (o que não é verdade, pois basta acompanhar o trabalho dos novos compositores e intérpretes que sempre estão surgindo para manter o choro vivo, em constante renovação).

Assim, geralmente era preciso ir longe para achar uma boa roda de choro e aprender praticando, observando, escutando, copiando partituras e pegando conselhos com os mais experientes. Por isso, até hoje, quem quer realmente aprender choro acaba adquirindo o hábito de correr atrás, ir buscar o conhecimento. E talvez ninguém tenha ido tão longe quanto a professora de flauta da EPM, a japonesa Naomi Kumamoto, que foi

integrante da Orquestra Sinfônica de Osaka, onde tocava música erudita até se apaixonar pelo gênero a ponto de cruzar o planeta para vir morar no Rio de Janeiro e se dedicar ao choro.

“Popular” e “Erudito”

Outra característica marcante é o fato de essa forma musical agradar tanto aos músicos “populares” quanto aos “eruditos” (Villa-Lobos, por exemplo, compôs uma série de choros). Isso é uma conseqüência das suas raízes, visto que o choro nasceu do encontro da cultura africana com a cultura européia no Brasil e, assim, tem um espírito mestiço, sendo comum se tocar ritmos como o lundu e o maxixe (influência africana) lado a lado com a polca e a valsa (influência européia).

Na verdade, para o bom músico de choro o “popular” e o “erudito” são apenas rótulos, pois o que importa mesmo é a música ser boa e bem tocada. E isso o pessoal da EPM sabe muito bem. Não é à toa que nas aulas se pratique com o mesmo empenho a leitura musical e o acompanhamento “por ouvido”, através do desenvolvimento da percepção harmônica. Talvez seja por isso que o choro consegue ser tão agradável numa feira de rua quanto num teatro sofisticado.

Haja saúde! Sem dúvida o choro é um dos reflexos mais saudáveis da nossa cultura.

* O Hospital Pró-Cardíaco foi um dos patrocinadores do CD de choro Pixinguinha + Benedito, de Mário Sève e David Ganc, em 2005.

Para saber mais: www.escolaportatil.com.br

Para uma fôrma de aro removível de 26 cm de diâmetro

INGREDIENTES DA MASSA:

250 g de farinha de trigo
50 g de creme de leite (sem soro)
50 g de manteiga
1 pitada de sal

INGREDIENTES DO RECHEIO:

2 colheres de sopa de manteiga
4 colheres de sopa de açúcar
2 ovos
2 colheres de sopa de farinha de trigo
150 g de nozes-pecã picadas
100 ml de Karo
baunilha a gosto

CULINÁRIA

TORTA DE PECÃ



Receita de Dora e Ariadne
sócias do Violeta Café e do Violetinha

MODO DE PREPARO DA MASSA:

Misture os ingredientes até a manteiga ficar bem encorpada e homogênea. Deixe descansar por 15 minutos. Unte a fôrma e forre o fundo e as laterais com a massa.

MODO DE PREPARO DO RECHEIO:

Misture o açúcar e a manteiga até formar uma pasta. Junte o Karo, os ovos, a farinha e a baunilha. Acrescente conhaque e as nozes. Misture. Despeje o recheio na fôrma já forrada com a massa e asse em forno médio por cerca de 30 a 40 minutos.

Sirva com sorvete ou chantili.